



Narração e Narratividade no pensamento de Walter Benjamin¹

Amanda Juliane Vicentini²

Márcio JAREK³

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Para Walter Benjamin, estamos sofrendo com a pobreza de experiências devido à perda da tradição oral ocasionada pelo desenvolvimento da técnica. Nessa perspectiva, a imprensa é um dos principais exemplos da morte da tradição da narrativa. Para o autor, a técnica está sobrepondo-se ao homem e estamos vivendo uma pobreza coletiva chamada pelo autor de barbárie. Se antes a narrativa era um importante instrumento de comunicação das experiências dos povos, com a evolução da técnica, sobretudo da imprensa, a arte de narrar se tornou rara. Assim, em nossa época, predomina a informação que é imediata e, por sua vez, superficial. Por outro lado, tal situação provoca o questionamento sobre a possibilidade de emancipação que pode restar diante do caráter reprodutível que o desenvolvimento da técnica impôs à cultura atual.

PALAVRAS-CHAVE: narração; comunicação; informação; tradição.

TEXTO DO TRABALHO

A presente pesquisa visa, à luz do pensamento de Walter Benjamin, analisar o processo de transformação no modo de narração e produção jornalística e a perda de experiência resultante desses processos na sociedade contemporânea.

Walter Benjamin é um filósofo berlinense da Escola de Frankfurt e é considerado um dos maiores pensadores do século XX. Foi um crítico da sociedade da sua época e suas obras muito contribuem para os estudos da comunicação.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Comunicação – Social - Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, email: amandajvicentini@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Filosofia da PUC-PR, email: m.jarek@hotmail.com



A pesquisa observa as mudanças do ato de narrar a partir de uma perspectiva de mudanças socioeconômicas e culturais em especial a reprodução técnica que interferiu diretamente no processo da morte da arte narrativa e da tradição oral, e como consequência gerando um empobrecimento de experiência coletiva, por ele chamado de *Erfahrung*.

Analisar essas mutações a partir das contribuições do pensamento de Walter Benjamin objetiva a reflexão sobre as formas de comunicabilidade e expressão, como as obras de artes e a sua relação com o seu o valor de unicidade e de reprodução. Propicia também compreender como o fenômeno da globalização interferiu na forma de fazer e receber a informação no mundo contemporâneo.

O texto “O narrador” em seu subtítulo diz que tratará de considerações de Nikolai Leskov. Leskov foi um narrador, que conviveu com o povo, com todos os tipos de pessoas, classes e religiões. E é considerando a faculdade de narrar de Leskov que Benjamim (1996) deixa claro já no início dessa obra, “é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”(1996, p. 115). Podemos observar na seguinte passagem que a arte de narrar sempre foi vista como uma fonte de experiências:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos. (Benjamim, W. 1996, p. 198).

Benjamim identifica dois tipos de narradores. Imagina o povo, que aquele que vem de longe, aquele que viaja, tem muito a contar, mas também Benjamim identifica como narrador e contador de boas histórias o homem que nunca saiu do seu país, mas conhece suas tradições. Ele faz uma analogia ao mestre sedentário e ao aprendiz que trabalham juntos num mesmo lugar. Segundo o autor:

O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de fixar sua pátria ou no estrangeiro”. (Benjamim, W. 1994, p. 199).

Benjamim (1996) identifica que toda verdadeira narrativa tem em si uma dimensão utilitária. “Essa utilidade pode consistir num ensinamento moral (...), seja



num provérbio ou numa norma de vida”. (Benjamim, p. 200). O autor conta a parábola do pai que ao morrer, deixa aos filhos, ao invés de um tesouro no sentido material, deixa como legado sua experiência. O provérbio citado é: “A felicidade está não está no ouro, mas no trabalho”(1996, p. 114), sustentando a tese de que a arte de narrar traz um ensinamento moral. Ou seja, a narrativa possibilita a permuta de experiências e de conhecimento.

O autor acredita que: “A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade - está em vias de extinção”. (1996, p. 115). Ele designa que esse processo que vem se desenvolvendo se dá pela evolução das forças produtivas. No texto “Experiência e Pobreza”, Benjamim (1996) afirma que: “(...) Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”. Ele mostra-se bastante angustiado com a pobreza de experiência que estamos vivendo. Uma pobreza coletiva e generalizada, que ele vem chamar de uma nova ‘barbárie’, barbárie essa que subtrai o indivíduo.

Barbárie? Sim. (...). Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? “Ela o impele a partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, sem olhar nem para a direita, nem para a esquerda”. (Benjamim, W. 1994, p. 115)

Segundo Benjamim o que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance. Ele (o romance) diferencia-se da narrativa porque está estritamente ligado ao livro, onde a sua difusão só foi possível com a invenção da imprensa, e como consequência dessa nova técnica, a tradição oral se perde. Se antes o narrador utilizava a linguagem oral e intercambiava a sua própria experiência com a dos ouvintes, o romancista acaba cerceando essa troca, pois quem escreve o romance é o indivíduo solitário, ao contrário da narrativa, que como já frisado, possuía características de aconselhamento e de troca.

O romance precisou de muito tempo para encontrar na burguesia sua ascensão. Aos poucos a narrativa começou a tornar-se arcaica. Mas foi com o auge do capitalismo, e com a consolidação da imprensa, que se destacou uma “nova” forma de comunicação: a informação. “O incêndio num sótão do Quartier Latin é mais importante que uma revolução em Madri”. (1996, p. 202). Dando um exemplo bastante prático, o autor exemplifica e caracteriza a informação. O saber que vinha de longe, já não possui mais ouvintes que a informação do que está próximo. Apesar do fenômeno da globalização, o



sujeito tende a aderir melhor àquela informação regionalizada e da qual ele se identifica.

O saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição -, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. Mas a informação aspira a uma verificação imediata. (Benjamim, W. 1994, p. 200).

Benjamim é bastante apocalíptico quando diz que se hoje a arte da narrativa é rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Consequência da globalização, recebemos a todo o momento notícias do mundo inteiro. A narrativa evita dar explicações, e abre margem para que o leitor seja livre para interpretar a história como quiser. Diferente é a informação que chega sempre acompanhada de esclarecimentos.

A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação”. (Benjamim, W. 1994, p. 203).

A informação é fixa, e perde o valor se não é factual, e como já dito não abre margem para interpretações. Essa função de interpretação e explicação (seja por texto, infográficos, fotos, imagens) é papel do profissional de jornalismo, que coleta dados, publica informações e traduz os fatos, e como consequência, conhecimento das mais diversas áreas (política, educação, saúde, economia). O próprio W. Benjamim trabalhava para revistas e para o rádio, mas com o crescimento do partido nazista os meios de comunicação de massa rejeitaram seus colaboradores de esquerda e/ ou de origem judaica.

Na tese “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica o autor reflete sobre a autenticidade da obra de arte” e a perda da aura resultante da reprodução técnica.

Benjamin aponta que a obra de arte sempre foi reprodutível e o que os homens faziam sempre era imitado por outros homens. Entretanto o autor ressalta que :

a reprodução da obra de arte representa um processo novo, que vem se desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente. (Benjamin W. 1994, p. 165).

Isso se destaca nos processos como a xilogravura na Idade Média, assim como a estampa em chapa de cobre e a litografia no século XIX.

Mas, em relação à autenticidade da obra, o autor faz uma crítica dizendo que



mesmo na mais perfeita reprodução o aqui e agora está ausente,

Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. É nessa existência única e somente nela, que se desdobra a história da obra. (Benjamin, W. 1994, p. 166).

O autor considera que a reprodução técnica tem mais autonomia que a reprodução manual que em geral é considerada uma falsificação. A reprodução técnica pode acentuar aspectos do original, e até mesmo colocar a original em situações impraticáveis, como se faz possível na fotografia.

Mas o autor volta a dizer que mesmo que essas circunstâncias não modifiquem o conteúdo da obra ela perde a sua autenticidade.; é o que podemos observar na seguinte passagem:

A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde a sua duração material até seu testemunho histórico. (Benjamin, W. 1994, p.167).

É a partir disso que o Benjamin (1996, p. 167) chega a seguinte conclusão: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é a sua aura, e que na medida em que ela se multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra, por uma existência serial.

Mas afinal o que é aura? O autor define como:;

É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho. (Benjamin, W. 1994, p. 168).

O autor acredita que esse processo de reprodução se liga estreitamente com os movimentos sociais de massa, em especial o cinema que tem em seu fundamento imediato a técnica da sua produção. Esta não apenas permite da forma mais imediata a difusão em massa da obra cinematográfica, como a torna obrigatória. Se antes o comum era a unicidade da obra e o culto a ela, como um ritual religioso hoje “com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte se emancipa, pela primeira vez na história, de sua existência parasitária, destacando-se do ritual” (1996, p. 178).



Se antes a arte de narrar era o principal instrumento de comunicação entre os povos, com a ascensão da imprensa essa faculdade de troca de experiências se tornou rara.

Se a imprensa possibilitou a difusão da informação de forma rápida, objetiva e com grande poder emancipatório, ela também provocou o declínio da arte da narrativa oral. Como Benjamin descreve, a narrativa sempre teve em si um ensinamento moral, isso não acontece mais na era da imprensa, afinal a comunicação hoje só tem valor quando é nova, inédita.

Por esse fator de imediatismo, a informação é objetivamente editada e colocada em blocos para serem diagramados no jornal, o que não permite novas e diferentes interpretações para o que está sendo comunicado.

Estamos pobres de experiências comunicáveis. Não há mais ouvintes para as histórias narradas pelos velhos sábios, e daqueles narradores que vinham de terras distantes cheios de histórias para contar. Ao contrário, com a globalização o indivíduo tende a criar raízes ao que está próximo, por isso o grande interesse de informar agregando valores de regionalização.

Benjamin também enxerga a reprodução técnica como um homicida da “aura” da obra de arte, todavia ao encontro desse pensamento, também é conclusivo que o autor aposta na técnica como emancipação das obras de arte, pois ela deixa de ser parasitária. É o caso das obras cinematográficas, sua reprodução se torna obrigatória para sua execução.



REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. In. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996

_____. *Experiência e Pobreza*. In. **Magia e técnica, arte e política**. p. 114. São Paulo: Brasiliense, 1996

_____. *O narrador — considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*. In. **Magia e técnica, arte e política**. p. 197. São Paulo: Brasiliense, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SELIGMAN – Silva, Márcio. **A atualidade em Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2009.